

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**O retrato da decadência dos barões do café presente na obra “O Rei da Vela”**

Jéssica de Oliveira Molinari

**São Paulo**

**2012**

**JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI**

Trabalho temático interdisciplinar apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

**São Paulo**

**2012**

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	4
Capítulo 1. A década de 1930.....	5
Capítulo 2 – A perda da hegemonia cafeeira retratada em “O Rei da Vela” .....	8
Considerações Finais: .....	13
Referências Bibliográficas:.....	14

## INTRODUÇÃO

Não é de se negar que uma das melhores maneiras de se aprender História é através da literatura. Não que ela substitua a pesquisa pelo contexto de uma época ou os grandes historiadores, mas é fato que a literatura facilita e muito a compreensão de períodos históricos.

Oswald de Andrade viveu em uma época conturbada da História brasileira: a década de 1930. Este período se caracteriza por mudanças econômicas e políticas fortíssimas e arrebatadoras.

Mais do que depressa, o escritor decidiu retratá-la. O resultado foi “O Rei da Vela”, uma obra repleta de ironia e sarcasmo. Uma obra que joga luz em cima de uma elite que preferiria não ter recebido tanta atenção naquele presente momento: a elite cafeeira.

O presente trabalho procura traçar a trajetória dessa elite. Primeiramente dando um quadro geral das mudanças que ela estava enfrentando no âmbito econômico e político, esclarecendo seu antes e seu depois.

O retrato da decadência e como podemos percebê-lo na peça de Oswald de Andrade, rica em exemplos do que estava ocorrendo na época, será o objeto principal da análise deste trabalho, e que será discutido com destaque, no segundo capítulo.

A questão aqui é tentar entender se a peça é rica em exemplos da decadência da elite cafeeira e se é realmente válido que uma obra de ficção pode servir de apoio para um estudo histórico ou se Oswald ficou tão envolvido com o enredo que se desviou da História.

## Capítulo 1. A década de 1930

A década de 1930 constituiu-se em um período de mudanças para o Brasil. A nossa economia totalmente sustentada por um único produto agrícola – o café – começava a desmoronar diante da crise econômica externa e, como se não bastasse, a elite agrária, além de se enfraquecer economicamente, também perdeu o seu poder político para as novas elites industriais.

Antes de discutir a visão da decadência dos barões do café que Oswald de Andrade retratou no livro “O Rei de Vela”, base para o presente trabalho, se faz necessário contextualizar não somente o que acontecia naquele momento, mas também o mundo que anteriormente dominava a vida nacional: o mundo do café.

Até o início do século XX, o Brasil era essencialmente rural. A mudança para o mundo industrial se deu aos poucos, embora para os ricos fazendeiros tenha parecido uma avalanche repentina que acabara com todo o seu mundo bem estruturado. Ninguém, durante o século XIX, diria que os cafeicultores em breve entrariam em decadência.

No campo econômico, os donos das fazendas de café viam praticamente todos os recursos do Estado sendo investidos em suas terras. A cultura do café se concentrava no Vale do Paraíba e no Oeste Paulista, onde reinavam tranquilos os grandes fazendeiros.

Não eram precisos grandes esforços para garantir os investimentos governamentais: a prática da política do café-com-leite garantia que a situação se perpetuasse. Essa política consistia na aliança entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, os mais poderosos da velha república e que tinham seus representantes se revezando no poder, o que garantia que a economia caminhasse, sempre, em direção a seu benefício<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que a “política do café-com-leite” não consistia sempre em um presidente paulista e um mineiro no poder e sim em candidatos que acordavam em contribuir com essas províncias

A Política do café-com-leite ainda possuía um mecanismo central de perpetuação do poder dos cafeicultores: a política dos governadores. Tratava-se de uma aliança entre o poder local e o poder federal, que existiu não somente entre os barões do café e o governo, mas também entre este último e os fazendeiros nordestinos, que cultivavam uma outra riqueza agrícola que foi central durante o período colonial: a cana-de-açúcar.

Essa política dos governadores era essencialmente simples. Começara em 1898, com Campos Sales, e foi mais presente no nordeste, onde dominavam os coronéis. Não é à toa que Abelardo I, em “O Rei da Vela”, se dirige a seu futuro sogro Belarmino pelo tratamento de “coronel”.

Os coronéis – que não eram de verdade coronéis e sim possuíam o título devido a uma denominação herdada da extinta Guarda Nacional de D. Pedro I, que passou a designar mais tarde o chefe político local, mesmo que este não tivesse patente alguma<sup>2</sup> - eram peças-chave para essa prática: os governadores que representarão o poder Legislativo são votados pelos municípios controlados pelos grandes fazendeiros que recebiam uma lista de candidatos do governo em quem devem votar, assim, seus dependentes com direito a voto também votavam nesses candidatos. Como o grande proprietário de terras era aquele que fazia favores a população local como um todo, seus dependentes chegavam a representar praticamente todo o eleitorado. Essa prática ficou conhecida como “voto de cabresto”, pois o fazendeiro era aquele que conduzia o povo para o lado que quisesse, tal qual o cavaleiro montado em seu corcel.

Através da eleição de governadores que estavam ao lado do governo federal, este permitia que os fazendeiros escolhessem os ocupantes dos cargos públicos locais, que eram frequentemente parentes ou agregados seus<sup>3</sup>. Assim

---

para a continuação da prática. Isso explica a existência de um presidente paraibano e um presidente gaúcho durante o período.

<sup>2</sup> LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>3</sup> KUPPER Agnaldo. São Paulo 1932: uma explosão em busca de novos rumos. Revista Eletrônica de Educação Ano II ,No 03, ago/ dez , 2008. Disponível em: <[http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao3/Artigo4.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao3/Artigo4.pdf) >. Acesso em: 10 set. 2012.

os produtos agrícolas dominaram nossa economia e os interesses dos fazendeiros nossa política, até o início do século XX.

O abalo econômico sofrido naquela época foi grande e impensável para aqueles homens acostumados a mandar em nosso país sem obstáculos. Podemos dividir o processo de perda da hegemonia dos cafeicultores em dois fatores: crise internacional, que levou a perda do poder econômico que possuíam, e crise política interna, que retira essa elite do poder e põe em seu lugar uma elite mais moderna e com interesses opostos aos deles.

## Capítulo 2 – A perda da hegemonia cafeeira retratada em “O Rei da Vela”

A balança comercial brasileira, como já referido anteriormente, era sustentada por um único produto: o café. O que para nós, hoje em dia, é obviamente uma má ideia, até a década de 1920 parecia funcionar perfeitamente.

A terra roxa do sudeste, de origem vulcânica, era rica em nutrientes para o produto e as fazendas cresciam a perder de vista. O café era praticamente nossa moeda de troca, o que Oswald ressalta em uma fala de Abelardo I que deixa clara a importância do produto para a época:

ABELARDO I – De fato, meu sogro! Café é ouro. Ouro negro!<sup>4</sup>

Mas o tempo em que o café era ouro estava com seus dias contados e em 1929 o Brasil finalmente perceberia os perigos de ter uma economia baseada em um único produto de exportação.

A Primeira Guerra Mundial e a Crise de 1929 vieram para comprovar as desvantagens que o Brasil enfrentava. O fato de ter uma economia baseada na exportação já deixa o país em uma posição perigosa, o que foi ressaltado por Leonídio:

Em função da forma como estava estruturada a economia brasileira, fortemente atrelada às flutuações do mercado internacional, era de se esperar que qualquer abalo no plano externo significasse desestabilização da economia interna<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> ANDRADE, Oswald de. *O Rei da Vela*. 2ª edição. Editora Globo. São Paulo, 2000. p. 76.

<sup>5</sup> LEONÍDIO, Adalmir. Natureza e representação nacional no Brasil dos anos 1930. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Janeiro/ Fevereiro/ Março/ Abril de 2010. v. 7. Ano VI, nº 1. Disponível em: <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/texto\\_02\\_artigo\\_secao\\_livre\\_adalmir\\_leonidio\\_fenix\\_jan\\_fev\\_mar\\_abr\\_2010.pdf](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/texto_02_artigo_secao_livre_adalmir_leonidio_fenix_jan_fev_mar_abr_2010.pdf)> Acesso em: 30 set. 2012.



A política de valorização adotada em 1906, pelo Convênio de Taubaté, resolvera o problema da superprodução do produto por um espaço de tempo. O grande erro do governo foi continuar permitindo o extremo controle da economia pelos cafeicultores, já que investimentos em outros produtos e principalmente nas indústrias permitiriam que a economia nacional não fosse abalada por futuras crises de origem externa. Ao invés de se voltar para outros produtos e setores, nosso governo repleto de barões do café e/ou seus aliados tomou medidas que valorizavam este produto agrícola, de modo a aumentar seu preço de mercado para que a dominação desta elite continuasse se perpetuando.

A Primeira Guerra Mundial seguida da Crise de 1929 seria o último choque com que os cafeicultores teriam de lidar. Seu poder já estava decadente e vai continuar a decair até chegarmos à situação retratada em O Rei da Vela: uma elite em crise – a família de Belarmino - que precisa fazer alianças através do casamento com a nova elite – representada por Abelardo I e Abelardo II, posteriormente - para se manter no topo.

A Crise de 1929 está atrelada ao fim da Primeira Grande Guerra. Abalada, a Europa precisava se reconstruir e os Estados Unidos tomaram as rédeas da economia internacional. Esta nova superpotência em ascensão, passou a investir em suas indústrias massivamente, pois eram elas que agora forneciam produtos para o mundo todo. As coisas deram certo, até que a o velho continente voltasse a lhe fazer concorrência. O resultado da euforia norte-americana, que não amenizou a produção mesmo com a diminuição do consumo interno e externo, foi uma crise de superprodução: era produzido mais do que as pessoas podiam comprar.

Com a economia norte-americana decaindo, a bolsa de Nova York sofreu baixas terríveis, até quebrar em outubro de 1929. No Brasil, o café foi desvalorizado e os fazendeiros se viram a beira da falência. Para tentar aumentar o preço do produto, queimavam e se livravam do café rapidamente. Referência a esta prática pode ser vista na obra de Oswald de Andrade:

ABELARDO I – (...) O pânico do café. Com dinheiro inglês comprei café na porta das fazendas desesperadas<sup>6</sup>.

Foi o primeiro momento em que os cafeicultores se viram quase sem poder, tendo de se livrar do produto, com o objetivo de aumentar seu preço de mercado.

Apesar disso, nosso governo não dá espaço a outras práticas econômicas até a Revolução de 1930, quando um militar tomou à força o poder e rapidamente mudou o foco dos investimentos do Estado, o que veio a ajudar o desenvolvimento do país e prejudicar os interesses da antiga elite decadente.

É importante observar que o que houve com a revolução foi a substituição de uma elite por outra. A nova elite é aquela que os personagens oswaldianos, Abelardo I e II, representam: os capitalistas modernos, os industriais.

A política do governo de Vargas, nosso novo presidente, é resumidamente a seguinte, em se tratando da década de 1930:

[...] superação do modelo primário – exportador e o início do processo de industrialização baseado no modelo de substituição de importações e a marcante presença do Estado na economia – o principal elemento no processo de desenvolvimento. [...] a expansão do mercado interno e a modificação em sua estrutura, especialmente em relação às suas importações. [...] as participações do Estado e da indústria aumentam<sup>7</sup>.

O urbano e o industrial iriam finalmente tomar o controle do Estado brasileiro. Os fazendeiros não conseguiam mais ter acesso irrestrito ao aparato político governamental e passaram a contar com alianças com a nova burguesia – o tão discutido tema do casamento retratado na peça, entre os personagens Abelardo I e Heloísa.

O mais importante, para o presente trabalho, é observar como em “O Rei da Vela”, o autor deixou clara a situação vivida por essa elite rural. Heloísa

---

<sup>6</sup> ANDRADE, Oswald de. *O Rei da Vela*. 2ª edição. Editora Globo. São Paulo, 2000. p. 61.

<sup>7</sup> TEIXEIRA, Alberto. *Planejamento público: de Getúlio a JK (1930-1960)*. Fortaleza: Edições IPLANCE, 1997. p. 39.

lembra-se sonhadora, da vida que a família levava antes e como a crise afetou os cafeicultores:

HELOÍSA (*sonhando*) – Meu pai era o coronel Belarmino que tinha sete fazendas, aquela casa suntuosa de Heliópolis... ações, automóveis... Duas filhas viciadas, dois filhos tarados... Ficou morando na nossa casinha da Penha e indo à missa pedir a Deus a solução que os governos não deram...

[...]

HELOÍSA – Meus pais... Meus tios...Meus primos...

ABELARDO I – Os velhos senhores da terra que tinha que dar lugar aos novos senhores da terra!

HELOÍSA – No entanto, todos dizem que acabou a época dos senhores e dos latifúndios...

[...]

HELOÍSA – Há dez anos... A saca de café a duzentos mil-réis!<sup>8</sup>

A nostalgia de Heloísa é a mesma que se constata entre os cafeicultores do período. Não bastasse o abalo econômico e o abalo político, agora, o abalo é moral e social.

Há na obra a ironia típica do autor. Enquanto a elite rural, atrasada, colonial, agoniza, as cortinas se abrem para uma elite moderna e estimuladora do capitalismo selvagem. Os cacos da antiga ordem econômica e política são muito proveitosos para esses novos senhores em ascensão. Abelardo sabe muito bem o que faz e como nossa sociedade funciona:

ABELARDO I – [...] Apesar disso, ela ainda é a flor mais decente dessa velha árvore bandeirante. Uma das famílias fundamentais do Império.

ABELARDO II – O velho está de tanga. Entregou tudo aos credores.

ABELARDO I – O que importa? Para nós, homens adiantados que só conhecemos uma coisa fria, o valor do dinheiro,

---

<sup>8</sup> ANDRADE, Oswald de. *O Rei da Vela*. 2ª edição. Editora Globo. São Paulo, 2000. p. 62

comprar esses restos de brasão ainda é negócio, faz vista num país medieval como o nosso!<sup>9</sup>

Sim, nosso país havia mudado de rumo, mas a sociedade continuava essencialmente a mesma: comandada por meia dúzia de famílias. Tirar vantagem era fácil, pois essa elite agrária se agarrava a toda oportunidade de continuar no topo, o que facilitava a ascensão dos industriais.

São sábias as falas da personagem D<sup>a</sup> Poloca, que não imagina que “sua gente” só está começando a decair e terá de sair de cena e se misturar ou se conformar.

D<sup>a</sup> POLOCA – Prefiro ser neta da Baronesa de Pau-Ferro. A neta pobre e inválida que sempre viveu do pão dos irmãos e cujo resto de família foi salvo por um... intruso!

ABELARDO I – Por um intruso...

D<sup>a</sup> POLOCA – Que nos tira da ruína mas tem que conhecer as diferenças sociais que nos separam. Tenho sessenta e dois anos. Vi as poucas famílias que restam do Império se degradarem com alianças menores. [...] Sei que esse é o destino de minha gente. [...]<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Idem. p. 44.

<sup>10</sup> Ibidem. P. 73.

### **Considerações Finais:**

A peça “O Rei da Vela” é fonte rica de exemplos para entendermos a crise por que a sociedade brasileira passava. Não somente a crise econômica e política, como também a crise de uma elite acostumada a mandar e desmandar no país.

É interessante observar como a obra retrata o momento histórico no qual o autor estava inserido. Oswald de Andrade não foge ao que está acontecendo na época; contrariamente a isso, o autor, de forma irônica e satírica, escancara as contradições sociais e políticas daquele momento e parece compreender facilmente o que estava acontecendo. Não à toa, pois o próprio Oswald estava em crise econômica.

Assim, a obra em análise se apresenta como uma fonte histórica válida para entendermos o período. Existem exemplos de decadência da elite cafeeira como também da ascensão da elite industrial – os dois extremos da época.

Oswald de Andrade transformou o estudo histórico dessas elites em algo mais dinâmico e que estimula o debate entre historiadores e sociólogos. A observação de algumas passagens já é o suficiente para estimular os interessados. É importante notar que existem muitos outros temas, para os quais “O Rei da Vela” se torna objeto de análise coerente e rico.

## Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Oswald de. *O Rei da Vela*. 2ª edição. São Paulo: Editora Globo, 2000.

TEIXEIRA, Alberto. *Planejamento público: de Getúlio a JK (1930-1960)*. Fortaleza: Edições IPLANCE, 1997.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras.

LEONIDIO, Adalmir. Natureza e representação nacional no Brasil dos anos 1930. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Janeiro/ Fevereiro/ Março/ Abril de 2010. v. 7. Ano VI, nº 1. Disponível em: <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/texto\\_02\\_artigo\\_secao\\_livre\\_a\\_dalmir\\_leonidio\\_fenix\\_jan\\_fev\\_mar\\_abr\\_2010.pdf](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/texto_02_artigo_secao_livre_a_dalmir_leonidio_fenix_jan_fev_mar_abr_2010.pdf)> Acesso em: 30 set. 2012.

DOIN, José Evaldo de Mello et al . A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) - a proposta do Cemumc. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 set. 2012

MOURA, Denise A. Soares de. Café e educação no século XIX. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 51, nov. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622000000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 set. 2012.